



Casa de Murillo Porto, no Lago Sul, se transformou num inferno para E., constantemente espancada com chicotes e correntes

Casal mantinha empregada presa para promover orgia

E., 19 anos, veio para Brasília pensando em encontrar o paraíso, mas encontrou o inferno. Durante cinco meses foi mantida em cárcere privado, obrigada a participar de orgias. Coleiras, algemas de couro, correntes, um pênis de plástico, chicotes e fitas eróticas, faziam parte das sessões de sadismo.

Cheia de emperança, E. chegou à cidade em julho do ano passado, atendendo convite de uma irmã. Ficou encantada e resolveu ficar. Pensava conseguir um emprego, ganhar muito dinheiro e ajudar os pais. Pelo anúncio de um jornal, conseguiu trabalho em uma mansão no Lago Sul, com a promessa de receber R\$ 260 de salário.

A jovem estava feliz da vida. Afinal, na capital federal poderia realizar o sonho de sua vida. Dois meses depois, o sonho começou a desmoronar. Além dos afazeres domésticos era mantida em cárcere privado, amordaçada e submetida a sessões de sadismo. Para não denunciar os maus-tratos, era ameaçada.

“Só um alto funcionário do

Doméstica iniciou romance com o patrão. Com o tempo, passou a ser espancada; tinha de beber urina e andar como cadelas

Senado Federal, tenho poderes e os melhores advogados. Por isso, não adianta me denunciar que nada vai acontecer”, dizia o analista legislativo Murillo Eduardo Fernandes da Silva Porto, 47 anos, em tom ameaçador, para sua “Cadelas Dila”, como era tratada a doméstica.

Além de Murillo Porto, a mulher dele, Ucinale de Paula da Silva Porto, 43 anos, também participava da orgia. Amarrada, amordaçada e acorrentada, era obrigada a satisfazer os prazeres dos patrões, na casa dos fundos, para que a filha do casal, uma adolescente de 13 anos, não descobrisse.

Mantida encarcerada, E. tinha de engatinhar para poder comer e pegar um osso plástico com a boca jogado à distância, no chão, por Murillo. Quando não latia como desejavam os patrões, ela era chicoteada.

A jovem, que chegou à Brasília cheia de esperanças, resistiu algum tempo com medo de represália, devido às

ameaças do patrão, funcionário da Secretaria de Comunicação Social do Senado Federal, lotado no Serviço de Apoio Técnico.

Mas ontem de madrugada, depois de mais uma sessão de orgia, a doméstica resolveu colocar um ponto final no sadismo dos patrões. Enquanto Ucinale foi para a casa da frente e Murillo Porto dormia na do fundo, E. telefonou para o 190 e denunciou o abuso sexual que sofria.

Policiais militares foram ao endereço às 6h da manhã, e conduziram os três à Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam). A jovem narrou para a delegada Déborah Menezes que, dois meses depois de estar trabalhando na casa, os dois começaram a namorar.

Segundo as declarações de E., no início do romance, ela aceitou porque precisava ajudar os pais. Depois, o amor começou a ficar violento. “De tapinhas no bumbum, o servidor, que há 25 anos está no Senado, fazia ela engatinhar

até o banheiro e me a obrigava a tomar a urina dele”, contou a empregada mostrando as marcas das chicotadas na perna.

Com um mandado de busca e apreensão, policiais da Deam foram até a mansão do analista legislativo, na QL 26, Lago Sul, e recolheram todo o material pornográfico, além de fotos da moça nua em posições insinuantes e um revólver calibre 32. E. afirmou que perdeu a virgindade namorando o patrão.

Murillo Porto se recusou a dar entrevista, mas admitiu que a empregada gostava da orgia. O funcionário público e a mulher dele foram autuados em flagrante por atentado violento ao pudor e podem ser condenados a uma pena de até dez anos de prisão. Ele foi encaminhado à Coordenação de Polícia Especializada (CPE) e ela ao Presídio Feminino, onde vão aguardar a decisão judicial.